

VÍDEO

# Festival celebra 30 anos de arte eletrônica

O 11º Videobrasil, que começa na terça no Sesc Pompéia, terá instalações, filmes e performances

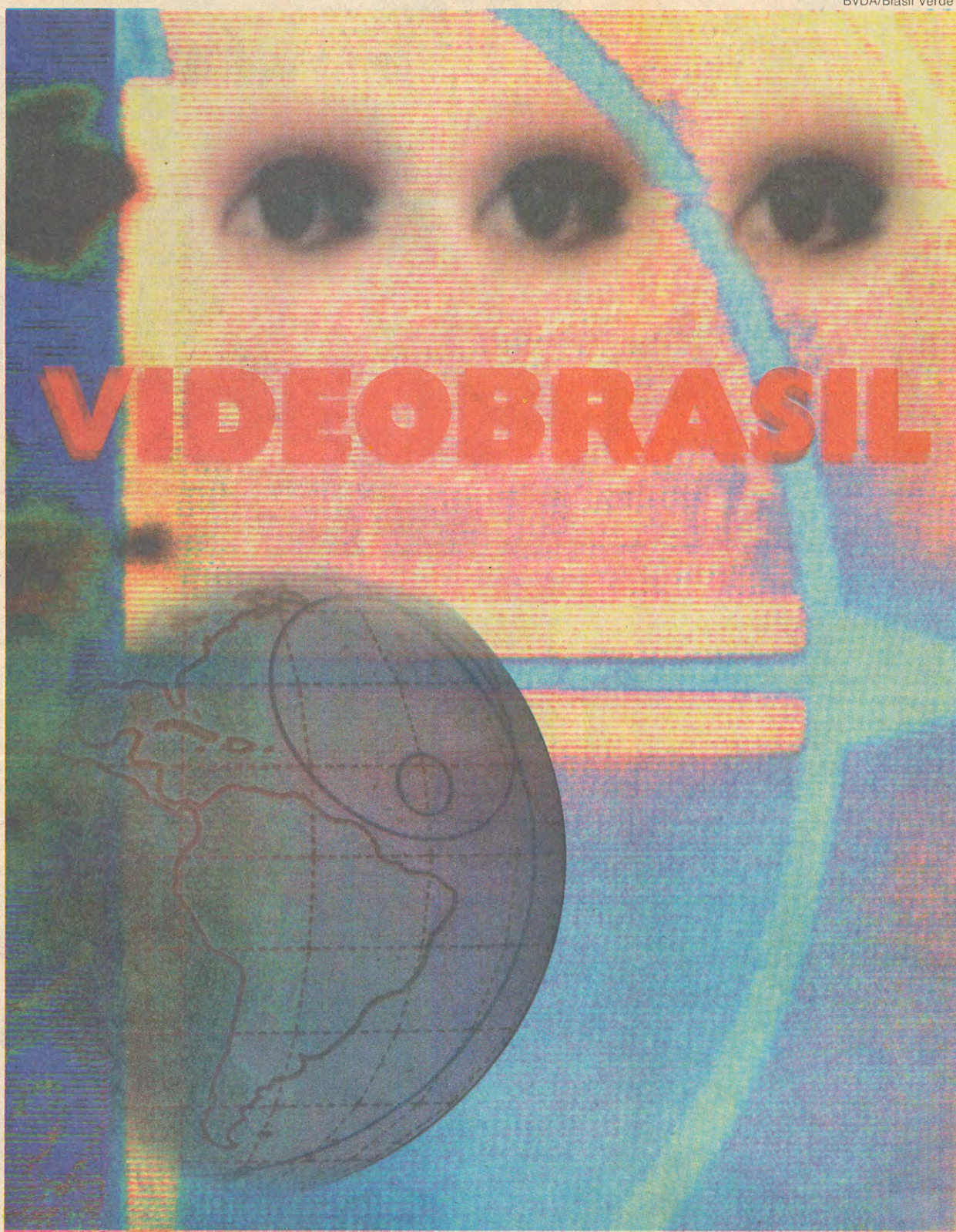
BEATRIZ VELLOSO

Há mais ou menos 30 anos (a data é imprecisa) o coreano Nam June Paik começou a fazer suas primeiras experiências artísticas que usavam o vídeo como meio de expressão. Hoje Paik é considerado um dos artistas contemporâneos mais importantes e o que ele fazia, precariamente, em 1966, já ganhou nome e status: é a videoarte, tema central do 11º Festival Internacional Videobrasil, que começa na terça-feira e vai até o dia 17 no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93, 871-7784). O festival homenageia justamente Nam June Paik (leia texto abaixo), mas oferece um leque variado de atrações nacionais e internacionais. Mais multimídia, impossível.

São instalações, performances, salas para consulta de CD-ROM, palestras e, é claro, muitas sessões de vídeo. Criado em 1983 (virou internacional em 1991 e passou a ser bienal em 1992), o Videobrasil já é considerado um dos principais eventos do mundo quando o assunto é mídia eletrônica e artes. Os números comprovam: são 87 artistas convidados, entre 30 para a mostra competitiva e os outros para as instalações, performances, palestras ou então como jurados. Isso sem contar os técnicos. Ao todo, dez países estão enviando representantes, do Brasil ao Líbano, com trabalhos de videoarte, ficção, animação e documentários filmados em VHS, película, Super-8 e até produzidos em CD-ROM.

Com um custo de R\$ 1,8 milhão (o festival é produzido pelo Sesc e tem apoio do Estado), o Videobrasil caminha em três direções, segundo a curadora e diretora Solange Farkas. "Buscamos mostrar artistas novos, nomes já conceituados e também queremos servir como um mercado onde as pessoas da área se encontram", diz.

São várias atividades simultâneas na área de convivência, no teatro do Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo. Os 69 vídeos da mostra competitiva (selecionados num universo de 350) serão exibidos ao longo dos cinco primeiros dias. No domingo, os vencedores terão reprise. Os três melhores trabalhos serão escolhidos por um júri de quatro artistas de diferentes países e premiados com R\$ 6 mil, R\$ 4 mil e R\$ 2 mil. O melhor realizador brasileiro em computação gráfica vai ganhar um estúdio de uma se-



BVDA/Brasil Verde



Solange: "O Brasil tem uma das melhores produções do mundo"

ro Éder Santos (bom exemplo de que a videoarte produzida aqui é mais respeitada lá fora) faz, com os músicos do grupo Uatki, *Passagem de Mariana*.

Um café eletrônico dentro do Sesc terá seis terminais on-line, para que o público possa navegar pela Internet e assistir aos trabalhos em CD-ROM. O *Videobrasil*, resumo diário de cinco minutos dos principais acontecimentos do festival, será exibido pela TVE do Rio. Para cada dia, um diretor: Sandra Kogut, Carlos Nader, Marcelo Tas, Inês Cardoso (Brasil), Diego Lascano (Argentina) e John Gillies (Austrália).

O fotógrafo Renato Cury está preparando uma exposição de fotos que aumenta a cada dia: vai mostrar desde a preparação do festival até o encerramento. As imagens serão reveladas num estúdio digital montado dentro do Sesc. E mais: uma seleção dos melhores vídeos da mostra competitiva vai viajar em 1997 pelos principais festivais do mundo, representando o Videobrasil.

No meio dessa rede de imagens, sons e informações, Solange Farkas detecta algumas tendências no 11º Videobrasil. "Pela primeira vez recebe-

mos muitos vídeos que falam sobre sexualidade", conta. "A guerra também aparece, principalmente nos trabalhos do Líbano e da Eslovênia, só que de maneira mais poética." Solange acha ainda que os videomakers passarão a fase de deslumbramento com os recursos tecnológicos. "Muitos vídeos deste ano são uma negação à alta tecnologia, os artistas estão mais interessados em trabalhar com as texturas da imagem eletrônica", explica.

Outra conclusão: o Brasil ainda está engatinhando em videoarte quando o assunto é público, e emissoras interessadas. "O mercado brasileiro para a videoarte é complicado", afirma. "Mas está comprovado que, em termos artísticos, temos uma das produções mais interessantes, emocionantes e poéticas do mundo." O Videobrasil é a oportunidade certa para confirmar o que diz Solange. Serão seis dias em que o mundo da arte eletrônica estará reunido em São Paulo, revelando sua variedade, qualidade e quantidade. Em tempo: anote o endereço do Videobrasil na Internet: <http://www.videobrasil.org.br/>. E-mail: [videobrasil@videobrasil.org.br/](mailto:videobrasil@videobrasil.org.br/).



EVENTO

REÚNE 87

ARTISTAS DE

DEZ PAÍSES

mana no estúdio EX Machina, de Paris.

Outro programa imperdível é assistir ao que está sendo chamado de Mostra Informativa. São trabalhos de várias partes do mundo, desde o ótimo *Do It*, do austríaco Peter Payer, passando pela produção dos novos videomakers ingleses em *See You Later: UK Artists and TV*, até a coletânea *Olhares do Sul*, com mais de quatro horas de filmes e vídeos sul-americanos.

Quatro artistas convidados trazem instalações à cidade. O francês Michel Jaffrenou mostra o vídeo *Pedro e o Lobo* e a videoescultura *Le Plein de Plumes*. Keichi Tanaka traz do Japão *Luminous Cosmic Rays*, em que raios cósmicos (isso mesmo) se misturam à música e laser. Do Brasil, comparecem os artistas Inês Cardoso e Cao Hamburger (leia página ao lado). Esses trabalhos ficam expostos até o dia 24.

As performances vão fazer uma salada de gêneros: vídeo, dança, música, arquitetura, literatura. A coreógrafa canadense Isabelle Choinière (*Le Partage des Peaux 2*) e o baiano Marcondes Dourado (*Bardo*) têm trabalhos que mesclam dança e videoarte. Augusto de Campos lê, Cid Campos toca e Walter Silveira projeta: juntos, os três realizam *Poesia e Risco*, uma mistura de poemas, música e slides. E o minei-

## Mostra especial homenageia Nam June Paik

Artista coreano, que mora em Nova York, pioneiro da videoarte, é tema de retrospectiva

Aos 64 anos, Nam June Paik continua trabalhando como se tivesse 20 e permanece de olho no futuro. Não por coincidência, a mostra especial de seu trabalho, grande atração do 11º Videobrasil, se chama *Waiting for the 22nd Century*. Traduzindo: Paik já está esperando pelo século 22. De fato, esse coreano radicado em Nova York desde 1965, pioneiro da videoarte, sempre esteve anos adiante. Paik não vem a São Paulo, está de férias na Flórida. Mas preparou as instalações e criou versões novas das famosas *TV Moon* e *TV Buddha* para o festival brasileiro. Lori Zippay é a curadora da exposição dos trabalhos de Paik no Brasil. Por fax, de Nova York, ela falou ao Estado.

Estado — Quais obras de Nam June Paik serão exibidas no Videobrasil?

Lori Zippay — Paik estará representado por quatro de suas instalações mais famosas: *TV Buddha*, *TV Garden*, *TV Fish* e *TV Moon*. A maioria das instalações foi feita em meados da década de 70, mas o *TV Moon* é uma versão completamente nova, criada especialmente para o Videobrasil. Haverá também uma retrospectiva de vídeos feitos entre 1973 e 1995. E eu farei uma palestra sobre os primeiros trabalhos de Paik, que chamei de *The Beatles, MacLuhan and the TV-Cello: The Early Videotapes of Nam June Paik* (Os Beatles, MacLuhan e o TV-Cello: Os Primeiros Vídeos de Nam June Paik).

Estado — Quais foram os critérios para selecionar o que virá ao Brasil?

Lori — A seleção das instalações foi feita pelo próprio Paik. Isso faz dessa mostra uma exposição muito especial, porque é raro ter um artista da importância de Paik fazendo uma seleção especial de trabalhos para um evento específico. Ele escolheu instalações em que elementos podem ser adaptados para o lugar onde são expostos. No *TV Garden*, por exemplo, o jardim será



Nam June Paik: investigação irreverente da mídia na cultura pop

feito de plantas brasileiras, e no *TV Buddha* será usado um "Buda brasileiro" (uma estátua do personagem folclórico Preto Velho sentado em posição de lótus).

Estado — De que maneira a exposição especial do Videobrasil ilustra a evolução do trabalho de Paik?

Lori — Bem, na retrospectiva dos vídeos eu dividi os trabalhos em três temas: Collages (colagens), Homages (homenagens) e Documents (documentos). Collages tem trabalhos que revelam a mistura singular e radical

que Paik faz de elementos díspares, como símbolos da cultura pop, imagens de televisão, arte avant-garde, efeitos especiais, etc. Homages é uma série de obras que ele criou em parceria ou para homenagear artistas que tiveram influência em seu trabalho, como John Cage, Merce Cunningham e Charlotte Moorman. O segmento final inclui peças que documentam o trabalho de Paik como performer e artista. Os vídeos que vou exibir durante a minha palestra traçam a evolução das primeiras experimentações de Paik com vídeo — brincadeiras com os recursos



A instalação 'TV Garden', que vem adaptada para o festival: jardim vai ter plantas brasileiras

técnicos da época, material tirado de comerciais de TV, performances — e mostra como eles culminaram em fitas importantes na década de 70, particularmente *Global Groove*.

Estado — Quais são as marcas da origem oriental no trabalho de Paik? E como a ida dele para os Estados Unidos está refletida nos trabalhos?

Lori — Enquanto a herança asiática de Paik não aparece diretamente em seu trabalho, exceto em símbolos como o Buda, a história dele como um imigrante morando na América está explícita em elementos multiculturais. Ele faz uma mistura radical de referências completamente diferentes, da televisão americana aos dançarinos coreanos, passando pela publicidade japonesa.

Estado — O que Paik tem feito re-

centemente?

Lori — Ele está constantemente explorando novas mídias, de efeitos digitais à Internet. Recentemente, seu trabalho mais impressionante em termos de tecnologia foi um videowall gigantesco que ele fez para a galeria Hyundai, em Seul, que esteve também no museu Guggenheim de Nova York. A instalação se chama *Megatron* e é uma parede enorme de monitores, com imagens que se alternam muito rapidamente. São bandeiras de vários países, símbolos da cultura pop coreana... A música mistura o hino nacional da Coreia às bandas pop. *Megatron* tem um pique de dese-

inho animado.

Estado — Quais são as contribuições de Nam June Paik para a consolidação e evolução da videoarte?

Lori — Paik não é somente a figura mais influente na videoarte. Ele é também um grande artista contemporâneo. Suas contribuições são a exploração da televisão como meio de expressão artística, a desconstrução e reutilização da linguagem da cultura pop e uma investigação irreverente e neodadaísta da tecnologia e da mídia de massa na arte. Ele trata de temas centrais da cultura contemporânea. (B.V.)



Lori Zippay: curadora